

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

JORNALISMO E RELAÇÕES PÚBLICAS

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DO JORNALISMO ESPORTIVO NAS
INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS**

Orientandos: Marcelo Vaver

Vítor Galvão

Orientador: Prof. Dr. Anderson Gurgel

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa que tem o intuito de analisar o impacto, a importância e o ambiente do jornalismo esportivo nos institutos de ensino superior do Brasil. A partir desta premissa, torna-se viável a realização de uma análise contextual para que seja possível ter uma direção sobre os novos rumos que o jornalismo esportivo está seguindo, assim como também dissertar sobre quais são as novas tendências e assuntos mais utilizados como temas de TCC pelos futuros profissionais da área. Ademais, propomos uma reflexão sobre a correlação entre a qualidade do ensino do jornalismo esportivo em si e o próprio ato de se exercer a profissão de um jornalista esportivo, vendo que a área em si está sofrendo constantes mudanças tanto em sua metodologia de ensino quanto em sua prática no mercado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo; pesquisa em jornalismo esportivo; veículos de mídia esportiva; ensino de jornalismo esportivo.

ABSTRACT:

This article is the result of a research that aims to analyze the impact, importance and the environment of sports journalism in Brazilian colleges and universities. Based on this premise, we intend to carry out a contextual analysis so that it is possible to have a direction on the new paths that sports journalism is following, as well as to talk about what are the new trends and most used subjects as themes of CBT by future professionals in the field. Furthermore, we propose a reflection on the correlation between the quality of teaching sports journalism itself and the act of exercising the profession of a sports journalist, keeping in head that the area itself is undergoing constant changes both in its teaching methodology and in its practice in the market.

KEY WORDS: sports journalism; research in sports journalism; sports media vehicles; sports journalism teaching.

INTRODUÇÃO

Esse artigo é concebido a partir de uma dupla de estudantes de comunicação, um de jornalismo e um de relações públicas, que gostaria de entender e se aprofundar mais no jornalismo esportivo e os eventos que o primeiro se conecta. Como ideia inicial, seria estudado o case Fut-Encontro, um debate gratuito, aberto ao público, de fácil acesso, linguagem descontraída e sempre se valendo de importantes nomes do mundo do futebol. Parecia um formato novo, promissor e diferente da mediocridade. Infelizmente, devido falta de financiamento, o projeto foi suspenso até segunda ordem. Contudo, a pesquisa não iria parar. Ao vermos dois jornalistas, os organizadores do Fut-Encontro, proporem uma ideia tão diferente de tudo que se pratica, tentamos pensar na causa disso. Julgamos que a faculdade é, mas não só ela, uma grande responsável pelo que se produz de

jornalismo esportivo hoje. Encontramos, assim, nosso novo objeto de pesquisa: o ensino do jornalismo esportivo no Brasil.

Definido o novo tema, era necessário estabelecer o ângulo da pesquisa e, por ser um universo enorme e com ramificações além de nossa tutela, o recorte que seria feito. Feito e seguido até o final. Pensando em entender a banalização do jornalismo esportivo pelos outros segmentos e o porquê deste braço em questão sofrer com repetição astronômica de pautas e profissionais despreparados, por exemplo, era preciso ir ao embrião do problema. Achamos a universidade. Ela não é a vilã da história, mas existe uma relação entre o que se ensina nas faculdades e o que se pratica no mercado. Inegável. A fim de entender, de maneira quantitativa e qualitativa, foi desenvolvida uma pesquisa que deveria ser respondida pelos coordenadores de jornalismo dos principais cursos de bacharelado do Brasil. Infelizmente, como é de conhecimento geral, o país atravessa a pandemia da COVID-19 que, além de resultar em milhares de mortes, dificultou a vida de muitos. A pesquisa foi fortemente atingida por este momento. Foi comprometida. Com isso, se fez necessário diminuir o raio da pesquisa. A cidade de São Paulo, por agregar os melhores cursos e veículos de jornalismo do Brasil, foi escolhida.

O jornalismo esportivo praticado na maior cidade do país é um bom reflexo do que acontece pelo país.

As respostas da pesquisa ajudam a dimensionar a importância que os cursos superiores dão ao jornalismo esportivo e ajudam a entender as razões desse segmento ser mal visto por muitos - questão já apontado pelo jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho em seu livro “Jornalismo Esportivo”, de 2003. Mas, antes de explicitar as considerações que tiramos a partir das devolutivas, se faz necessário contextualizar o jornalismo esportivo no Brasil e como este vem sendo ensinado.

1. O JORNALISMO ESPORTIVO

1.1 O ESPORTE

O esporte pode ser visto como atividade física, recreação, espetáculo, negócio, fuga da rotina, paixão ou uma mescla desses elementos. Desde sempre, a humanidade procura se ocupar, com atividades de lazer, em suas horas não laborais. Seja através da arte ou do esporte, o conceito de hobby é difundido pelo globo.

Porém, na virada do Século XIX para o XX, percebeu-se que a comoção cujos esportes causavam no público era de um fervor singular. Pouco a pouco, lutas de boxe, turfe e remo ganhavam mais adeptos. As práticas desportivas, por consequência, começam a ganhar uma nova dimensão, de competição com produtividade. Dito isso, a partir dessa maior inserção do esporte dentro das sociedades, o mesmo alcançou, de maneira praticamente inata, um potencial de atuar como uma espécie de agente social e cultural no atual período contemporâneo, tornando-se uma ferramenta de extrema importância para diversos povos espalhados pelo globo terrestre. O professor e pesquisador de jornalismo esportivo madrileno Antonio Alcoba López, chama o esporte de força universal e cita suas capacidades singulares em “O Jornalismo esportivo na sociedade moderna”, de 1979:

“... o esporte, por tanto, é a única força universal que consegue unir todos os seres em uma relação amistosa, sem preconceito de raças, ideologias, religiões e classes sociais, baseada na filosofia do entendimento absoluto.” (ALCOBA, 1979)

As raízes do esporte estão intrínsecas no meio de vida do ser humano desde o seu surgimento, tomando conta de nosso cotidiano desde a vida primitiva com exercícios cruciais para a sobrevivência dos indivíduos, como as caminhadas, a caça, natação e até mesmo o ato de defesa pessoal. No entanto, após essa era de atos pré-esportivos, considerados somente como atitudes primárias com a finalidade de principalmente sobreviver perante a um mundo tão cru e inexplorado, surgiram

enfim no período da Antiguidade, os primeiros Jogos Gregos e a mudança crucial de fenômeno biológico para uma prática consolidada de ações desportivas.

Com a criação destes primeiros Jogos, os gregos encontraram uma maneira consistente e digna para homenagear os seus deuses, de modo que tal prática conseguiu estabelecer a primeira conexão concreta entre o esporte e a cultura de uma civilização. O ato de repetirem tais Jogos em períodos de 4 anos contribuiu ainda mais para a formação de uma rotina tanto desportiva, quanto cultural e religiosa para os seus povos. Com a maior disseminação desta cultura de práticas desportivas que tinham papel desde cunhos celebrativos até homenagens a figuras religiosas, o esporte começou a tomar parte da rotina e da cultura do mundo inteiro.

Os anos se passam e, cada vez mais, o esporte ganha presença e importância dentro da sociedade, conseguindo adentrar-se em outros fatores da humanidade além das questões culturais e religiosas. O esporte tornou-se uma ferramenta econômica cada vez mais poderosa com o passar dos anos, influenciando diretamente no planejamento de governos como estratégia de alavancar a sua economia em determinadas situações, com a realização de eventos desportivos que atraíssem pessoas e pudessem movimentar a moeda local. Além do cunho econômico, o esporte também passou a estar presente e ser fator determinante em situações políticas, como a realização das olimpíadas na Alemanha em 1936, durante o período de ascensão do governo Nazista antes do início da Segunda Guerra Mundial, em 1939.

Diante da presença do esporte cada vez mais incisiva na humanidade, o mesmo acabou por se tornar foco de grande atenção de muitas pessoas, o que provocou uma presença cada vez maior da mídia nestes eventos. Gradativamente, o esporte e a mídia vão se moldando de maneira conjunta conforme os interesses da sociedade e dos meios de comunicação, obtendo a capacidade de criar cada vez mais situações emblemáticas e transformar atletas em heróis ou vilões. A mídia passou então, a ter o poder de influenciar diretamente na cultura esportiva da

sociedade. Na segunda metade do século XIX, o interesse que o esporte surtia nas pessoas começava a ser explorado pela imprensa.

1.2 O JORNALISMO SEGMENTADO

É nesse momento que o jornalismo esportivo, ainda que embrionário, toma escopo. Especialistas dos esportes em questão teciam comentários, primeiramente em periódicos e só depois em transmissões radiofônicas. Depois disso, a imprensa nunca mais se desassociou do esporte. Esta viu nesse mercado uma quantidade de aficionados, chamados hoje de *heavy users*, que demandavam um caminhão de notícias sobre os esportes ou agremiações de seus interesses.

Através dessa demanda, o esporte e a mídia acabaram por criar uma relação simbiótica, na qual apesar de serem duas ferramentas e práticas distintas, assumiram um papel de organismo conjunto e interdependente.

O ramo esportivo virou uma especialidade do jornalismo e percebeu que não bastavam os comentários de alguém sobre o jogo. Era preciso mais. Era preciso encher a grade de uma rádio ou de um canal falando, principalmente no Brasil, de futebol. Era preciso deixar um repórter cobrindo apenas o dia a dia de um clube grande, caso dos setoristas. Era preciso analisar o jogo de ontem, mas também o de amanhã e o de depois de amanhã. Logo, fica claro que o jornalismo esportivo não é um mero subgênero de um guarda-chuva maior chamado de jornalismo, mas um segmento especializado. Como apresentado no “Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte”, 2007:

“é uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. O jornalismo esportivo é exercido por jornalistas com conhecimento em esportes em geral ou em aspectos esportivos. (...) A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setorizada, podendo incidir sobre

clubes, modalidades, entidades dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes.” (GURGEL, 2009)

O próprio jornalismo esportivo já se destaca como modalidade informativa de alto impacto social, seja pelo seu universalismo, ou justamente pelas altas raízes regionais.

O esporte e a mídia conectam o global e o local, como poucas outras instâncias da sociedade. O dinamismo extraordinário dessa nova modalidade jornalística, agora no território digital, que vem ganhando mais espaço nos últimos anos, por exemplo, permite uma série de inovações para contar histórias utilizando as próprias tecnologias oferecidas nessa nova era. O impacto social do jornalismo esportivo chega a ser difícil de medir vide a universalidade do esporte.

No cenário nacional, o jornalismo esportivo teve suas primeiras produções impressas nos anos de 1850, no entanto, somente iniciou o seu período de consolidação em 1910, momento em que os jornais finalmente agregaram profissionais especializados em redação esportiva.

O jornalismo esportivo brasileiro contou com precursores essenciais para o crescimento desta área no país, desde Mário Cardim, responsável por redigir a primeira reportagem amplamente descritiva de uma partida de futebol na história do Brasil em 1902, até figuras como o jornalista Cásper Líbero, fundador do jornal A Gazeta, onde posteriormente iria criar um suplemento dedicado aos esportes e que seria referência nacional na produção de matérias relacionadas a área: A Gazeta Esportiva (VIANNA, 2016).

Por óbvia questão de proximidade, fica mais fácil falar do mercado do jornalismo esportivo no Brasil. Mercado esse que insiste, há décadas, a privilegiar o jogo em detrimento de outros fatores do esporte. O esporte não é 22 homens em um campo correndo atrás de uma bola ou seis homens de cada lado de uma rede simplesmente passando uma bola de um lado para outro. A complexidade do esporte vai além. Muito além. O esporte conta com faces econômica, cultural, social e política, para citar apenas algumas (GURGEL, 2009). E não entender isso é não

dar ao público o todo, no caso dos jornalistas esportivos. Não podemos aceitar uma fina fatia de um gráudo e succulento bolo. E, se essa maior parte do esporte não é apresentado ao grande público, temos de entender melhor o porquê.

1.3 O ENSINO DE JORNALISMO ESPORTIVO EM NÍVEL SUPERIOR

Tendo em mente todos estes fatos supracitados, torna-se relevante saber da real importância do jornalismo esportivo em âmbitos acadêmicos nos dias de hoje. Afinal, as universidades são os berços de milhares de novos jornalistas por ano, 12 mil, em 2009. (MEC, 2009) Esse número cai de maneira homeopática e, olhas as escolas com uma lupa, pode nos ajudar a ver a imagem toda desse mercado.

Não é tarefa difícil encontrar nomes que sustentem a importância do jornalismo esportivo e, por isso, seu ensino em cursos superiores. O professor Alcoba acredita que a especialização de profissionais desta área é mais do que necessária, pois lidam com um objeto de interesse geral, amplo e repleto de detalhes. Difícil discordar. O espanhol, durante seus escritos, afirma que escrever sobre esporte requer competência de compreensão de temas como política, sociedade, cultura e economia que são indissociáveis ao jogo.

“... A preparação de um jornalista esportivo deveria estar diretamente ligado ao estudo. É essa a minha grande preocupação com essa nova geração que está querendo atuar nessa profissão e não quer estudar...”(ALCOBA, 2005).

Alcoba escreve que, quanto mais competência mostrarem os repórteres dessa área nesse âmbito maior, o preconceito a este segmento começa a cair (ALCOBA, 2005). Logo, cabe as universidades proporcionarem repertório a esses futuros jornalistas e incentivar especializações, não importando a área. Ele também entende que a faculdade de jornalismo deveria ter três anos de estudos referentes a sua atuação geral e dois anos de especialização focados na área de sua preferência.

Por mais presente que o jornalismo esportivo se faça na vida de todos, uns mais e outro menos, isso não se repete, por exemplo nas grades curriculares de

curso de jornalismo pelo país. A minoria leciona tal disciplina de maneira obrigatória aos alunos. O mais comum é que a instituição não ofereça tal contato durante o bacharelado. Com isso, os estudantes devem buscar, por si só, formações complementares. Caso isso não aconteça, o recém formado cai de paraquedas em um mercado nada amistoso.

Porém, um mercado que tem demanda e que produz mais e mais sobre esporte. Tratando-se de veículos de mídia na televisão, somente no Brasil existem mais de 15 canais dedicados somente a programação esportiva (WIKIPEDIA.ORG, 2017), com audiência de, em média, 300 mil telespectadores acompanhando diariamente seus esportes e programas favoritos na TV fechada (ESPORTEMAIS.COM.BR, 2017). Mas, ao virarmos nossos olhos para as mídias digitais, como as 3 principais redes sociais utilizadas no Brasil (Twitter, Instagram e Facebook), vemos que os números são exponencialmente maiores do que os da televisão fechada.

Considerando-se somente os 4 maiores perfis de jornalismo esportivo do país (Esporte Interativo, SporTV, ESPN e Fox Sports), há um engajamento mensal de cerca de 97,5 milhões de usuários (TORCEDORES.COM, 2017). Os veículos de comunicação ligados ao esporte estão num constante crescimento que aumenta exponencialmente com o passar dos anos desde 2010. Além disso, publicidades e propagandas de marcas que são relacionadas a atletas de elite passaram a render lucros extremamente maiores do que qualquer outra ferramenta de marketing.

Não seriam todos esses números suficientes para as escolas de jornalismo investir no segmento esportivo e incentivar seus alunos a tal? Claramente, espaço há para novos profissionais. Novos profissionais qualificados e que entendam a magnitude do esporte e os públicos que devem ser atendidos.

1.4 OS REFLEXOS DESTE ENSINO NO MERCADO

Os formatos esportivos não são menos importantes, no jornalismo, que quaisquer outros. Apesar de, naturalmente mais informais, pela natureza do esporte, a cobertura esportiva deve cumprir os quesitos demandados de qualquer outra área

jornalística. Contudo, esse segmento do jornalismo não pode ser confundido com o entretenimento, embora alguns dos principais programas do gênero flertem com o “show” a fim de atrair mais audiência. Em “Manual do Jornalismo Esportivo”, 2006, Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel discorrem sobre o aspecto de espetáculo que o esporte recebe do jornalismo.

“ele (o jornalismo esportivo) se confunde, freqüentemente, com puro entretenimento. Isto, por seu lado, propicia o aparecimento de alguns poucos ‘coroados’ e o envolvimento com outras atividades incompatíveis com a prática do jornalismo, como agenciamento de publicidade, marketing e política privada dos clubes, federações, confederações e empresas.”
(Barbeiro e Rangel, 2006)

Essa frente do jornalismo cresceu vertiginosamente nos últimos anos e, hoje, chega a ocupar quase metade da programação de canais por assinatura da área. Logo, nota-se uma saturação dos veículos deste tipo e, conseqüentemente, uma falta de criatividade de assuntos abordados. Por isso, podemos fazer o uso do seguinte questionamento: dos programas de debate esportivo que você já viu, quantos comparam jogadores por posição antes de seus respectivos times se enfrentarem? Muitos. ‘Mano a mano’, ‘Cara a cara’, não importa como você queira chamar, esse é só mais um dos inúmeros formatos diariamente replicados por programas de esporte.

O jornalismo esportivo é extremamente plural. Tem espaço para todos. Desde quem gosta de saber apenas o resultado do jogo até quem gosta de entender a transição ofensiva de certo time, por exemplo. Há quem prefira que o tema seja abordado de forma descontraída, flertando com o entretenimento, enquanto há quem prefira uma abordagem mais séria. Não tem problema. Esse mercado oferece, e deve oferecer, produtos para diferentes públicos dentro de um nicho maior. Por isso, o curso de bacharel em jornalismo deve ser levado mais a sério tanto pelos corpos docente e discente quanto para quem vê de fora. A universidade/faculdade deve preparar seu estudante para lidar com diferentes públicos que consomem diferentes produtos de diferentes maneiras. Todo esse

pensamento é reforçado por Alcoba, cujo acredita na formação de repertório acadêmico como base para um jornalismo bem feito e de credibilidade.

Ademais, em um mercado atualmente tão saturado, como ter esperança no futuro do jornalismo, principalmente o esportivo? Nesse cenário de crise dos meios tradicionais, com veículos históricos como o Diário Lance! vivendo uma grave crise financeira, o jornalismo esportivo precisa se adaptar e se reinventar. Formar novo público. Por isso o ingresso de novos profissionais com novas visões é vital para esse mercado. Cada vez mais é preciso de gente nova e boa fazendo um novo e bom jornalismo.

Questionamentos como: “Como encorajar os alunos a seguir em uma área tida por muitos como “editoria menor”? Como fomentar as pesquisas na área do esporte se muitos cursos nem tem “jornalismo esportivo” em suas grades regulares?” também acabam sendo inseridos na série de inquietações e problemáticas desta pesquisa.

Um possível jeito de mudarmos o jeito que o jornalismo esportivo é tratado na mídia é entendermos sua assimilação pelos acadêmicos. Precisamos saber o quanto essa área desperta interesse nos universitários e o porquê. O jornalismo esportivo ganha cada vez mais espaço na mídia, logo, se faz nossa função deixá-lo cada vez melhor e mais democrático.

Por isso se faz de suma valia uma pesquisa que busque entender melhor como o jornalismo esportivo é apresentado nas faculdades e universidades brasileiras e o porquê ele sair destas tão replicado e com pouca originalidade. Como são essas aulas de jornalismo esportivo para que tenhamos cada vez mais do mesmo? Queremos ter um discernimento da importância do jornalismo esportivo nas próprias instituições, para que seja possível compreender em qual profundidade e distinção essa matéria é lecionada aos possíveis prospectos a perito da área esportiva, e se tal temática é foco dos graduandos quando estão ponderando as escolhas potenciais para os temas de realização dos TCCs.

2. A PESQUISA

De antemão, nós achamos necessário lermos o maior volume possível do que já foi produzido sobre ensino de jornalismo, ensino de jornalismo esportivo, história do jornalismo esportivo e assuntos correlatos que pudessem nos servir de bagagem para o projeto. Precisamos conhecer as raízes deste segmento do jornalismo para, agora, questioná-lo. Toda a bibliografia foi designada pelo nosso professor-orientador. Durante a leitura destas obras, nos reunimos algumas vezes para alinharmos nossas ideias e ter uma visão mais clara do que queríamos estudar e, principalmente, como.

Definimos em conjunto que o mais prudente seria tentar conversar com o maior número de coordenadores e professores de curso de jornalismo para imprimirmos uma visão mais fiel a realidade. Nós víamos necessidade de entender o ensino do jornalismo esportivo em todo o território. Com isso, concebemos um formulário de perguntas e respostas e enviamos ao corpo docente de mais de 30 instituições espalhadas pelo país, mas só tivemos respostas de instituições paulistas - em sua maioria, paulistanas. Com base nas respostas, confeccionamos um material inédito que agrega dados e interpretações do ensino do jornalismo esportivo no Brasil.

A pesquisa é completa, contemplando todas as modalidades em que o jornalismo esportivo possa tanger a vida de um universitário. Com 26 perguntas separadas em seções específicas, esse documento abrange características importantes de uma disciplina universitária. Sua obrigatoriedade, sua carga horária, se é presencial, a distância ou mista, por exemplo.

Obtivemos respostas de dez instituições. Todas paulistas. Entendemos que o espaço amostral ainda é muito reduzido, mas já podemos entender algumas coisas e confabular melhor diante do nosso objeto de estudo.

Deixaremos anexos a pesquisa com suas respectivas respostas ao fim deste artigo. Mas, de antemão, alguns dados merecem mais atenção.

2.1 INTERPRETAÇÕES DA PESQUISA

Tudo o que já foi escrito anteriormente é confirmado pelos números que recebemos nas devolutivas. Das faculdades consultadas, apenas 30% têm jornalismo esportivo como disciplina obrigatória em sua grade regular. Claro que é um recorte e ele não representa todo o país, mas considerando que apenas 30% dos estudantes formados do jornalismo tiveram contato com a área durante a graduação, fica fácil de entender o descaso que esse segmento sofre pelos outros e os profissionais pouco preparados que assolam o mercado.

60% das universidades consultadas sequer oferecem jornalismo esportivo como disciplina eletiva, impossibilitando totalmente o contato do estudante com tal segmento. Se os graduandos não conseguem escolher cursar jornalismo esportivo ao longo dos 4 anos de sua graduação, que interesse ele pode vir a criar? Se a pessoa já não entra no curso familiarizada com esportes, não vai encontrar essa aproximação. Pelo menos, não graças a instituição. Isso é grave. Evidente que o aluno pode, e deve, buscar complementar sua formação fora do campus. Isso é natural. Fazer um curso extra voltado ao jornalismo esportivo é uma opção e deve ser levada em consideração. Mas o não incentivo da academia é um problema. Primeiro, pode ser um problema financeiro. Muitos alunos já pagam a faculdade e, infelizmente, não podem bancar outros cursos paralelos - que não costumam ser baratos. Segundo, existe uma questão logística. O estudante universitário não goza de tempo livre. Ter de ir a outro ponto para poder, enfim, aprender sobre o ramo esportivo do jornalismo é inviável. Principalmente em São Paulo.

Esse pouco contato dos alunos com o jornalismo esportivo gera, conseqüentemente, pouco interesse por parte destes em pesquisas e/ou monografias com o tema. Ou pelo menos deveria. 60% dos coordenadores dos principais cursos paulistanos afirmaram que o esporte é um tema recorrente em TCCs e que, em alguns casos, representa quase um terço de TCCs produzidos na instituição. Ou seja, ainda que sem oferecer a disciplina, algumas faculdades vêm

seus alunos produzindo e se interessando pelo tema e, ainda assim, não incluem jornalismo esportivo em sua grade. A demanda é percebida, mas não atendida.

A Universidade Nove de Julho e o Centro Universitário Belas Artes são algumas das poucas instituições que têm Jornalismo Esportivo em sua grade curricular obrigatória, porém não tem esse segmento recorrente na produção de TCCs dos alunos. Enquanto na Universidade São Judas Tadeu não é oferecida a supracitada disciplina de maneira obrigatória ou optativa, o universo do esporte corresponde a cerca de 20% das monografias. Como explicar tal relação? A primeira instituição faz o aluno ter 60 horas de aulas em um semestre sobre jornalismo esportivo e não consegue gerar pesquisas sobre o assunto, já a segunda não dá o menor incentivo e vê seus alunos querendo produzir sobre o tema. A Faculdade Cásper Líbero, que tem o curso de jornalismo mais antigo do Brasil, não oferece Jornalismo Esportivo aos seus acadêmicos - a não ser por um curso livre ministrado e pago à parte - mas é de lá que saem a maioria dos profissionais deste segmento que atuam em grandes veículos.

Outras respostas nos intrigaram. Com isso, tentamos estabelecer um padrão de causa e consequência para essas situações. Impossível. O jornalismo, no mercado e na academia, não funciona desta maneira. Este se dá a partir de incentivos por mestres, veículos acadêmicos e, principalmente, pelo perfil dos estudantes.

Sem se estender mais em questões numéricas, visto que o formulário e suas respectivas respostas estarão anexos, existem dois fatos que, sem requerer muita análise, podem ser retirados das respostas obtidas: existe interesse em jornalismo esportivo por parte do corpo discente e há pouco (ou nenhum, dependendo da instituição) incentivo para que o estudante rume para essa área, tanto profissionalmente quanto academicamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vertente do jornalismo esportivo foi e sempre será dependente do estudo contínuo e da criação de novas metodologias de comunicação. Logo, para que essa

área seja mantida em constante evolução, o meio acadêmico tem seu papel como base estrutural do profissional, mais importante do que nunca.

A estagnação dos métodos de ensino do jornalismo esportivo pode colocar em cheque todo o progresso alcançado pela área nas últimas décadas, os quais tornaram esse meio tão atrativo para diversos públicos interessados no meio.

Vide a atual pandemia que o Brasil e o resto do planeta estão a enfrentar, a pesquisa efetuada sofreu alguns impactos de escassez de dados fornecidos para o aspecto quantitativo do artigo em questão, já que a maioria das instituições de ensino superior estão direcionando praticamente todos os seus esforços para manter seus sistemas de ensino em atividade. No entanto, com a base teórica, os estudos e pesquisas efetuadas, continuou possível uma análise direcional sobre a situação do jornalismo esportivo nas instituições de ensino superior. Análise essa que nos deixa margem para seguir com tal estudo. Essa continuação é plenamente possível e vista com bons olhos por nós, visto que entendemos que o nosso espaço amostral pesquisado pode ser maior, gerando, assim, um retrato mais fidedigno do ensino de jornalismo esportivo em nível superior no Brasil.

Uma das principais necessidades atuais do jornalismo esportivo é, antes de mais nada, dar a devida importância ao mesmo, pois assim como qualquer outra cadeira lecionada nas instituições de ensino superior, o jornalismo esportivo é uma área que fornece um extenso leque de oportunidades profissionais em meio a um mercado crescente.

Juntamente a questão da valorização do jornalismo esportivo nos meios acadêmicos, a constante manutenção dessa disciplina se dá como crucial para a formação de profissionais adequados na área. Isso se deve ao fato conjunto de que o próprio mercado dos veículos comunicacionais esportivos estar em constante mutação, se adaptando às tendências midiáticas de cada época e período específico, procurando sempre manter a sua relevância e originalidade.

Dados os fatos supracitados, é perceptível que a pesquisa e o artigo redigido em questão podem ser devidamente aprofundados com o passar destas

turbulências que o país e o mundo estão a enfrentar. Contudo, a relevância do caráter informativo provido ainda permite a dissertação de uma série de outros embasamentos, constituindo um alicerce teórico sólido e atual sobre o assunto referido.

Evidente que a supracitada falta de estímulo na academia gera falta de qualidade no mercado de trabalho. Não é uma relação exclusiva de causa e consequência, mas é, sem dúvidas, um fator gritante.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

CARNEIRO, J. “**Confira o top 10 no Ibope em canais esportivos**” (2017).
<https://esportesmais.com.br/confira-top-10-bope-canais-esportivos/>

COELHO, Paulo. **Jornalismo Esportivo**. 3. ed. [S. l.]: Contexto, 2003. 120 p.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

GURGEL, A. **Futebol S/A - Economia em campo**. Brasil. Saraiva Editora. 2006.

GURGEL, A. “**Desafios do jornalismo esportivo na era dos megaeventos**”. In Motrivência Ano XXI, No 32/33, P. 193-210 Jun-Dez./2009.

LIONS, H. (2018) “**Top 10 most popular sports in the world**” *in eng* - Pledgesports.org
<https://www.pledgesports.org/2017/06/top-10-most-popular-sports-in-the-world-by-participation/>

LÓPEZ, A. **Enciclopedia del deporte**. [S. l.]: Lib Deportivas Esteban Sanz, 2001.

LÓPEZ, A. **Periodismo deportivo**. 2. ed. [S. l.]: SINTESIS, 2005. 208 p.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e Jornalismo – A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARSHALL, L. **O Jornalismo na Era da Publicidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

TORRIJOS, J. L. R. (org). **Periodismo deportivo. Nuevas tendencias y perspectivas de futuro**. Espanha. Universidade de Sevilla. 2014.

VIANNA, M. **"Placar"de casa nova: 46 anos da maior revista esportiva do Brasil**. Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior. 2016. 54 p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2016.

SIMON, A. (2017) **“Esporte Interativa é o canal esportivo que mais movimentava redes sociais”** - Torcedores.com
<https://www.torcedores.com/noticias/2017/04/esporte-interativo-e-canal-esportivo-que-mais-movimenta-redes-sociais-no-brasil>